

de Rubem Braga

COM DESENHOS DE ANAHORY

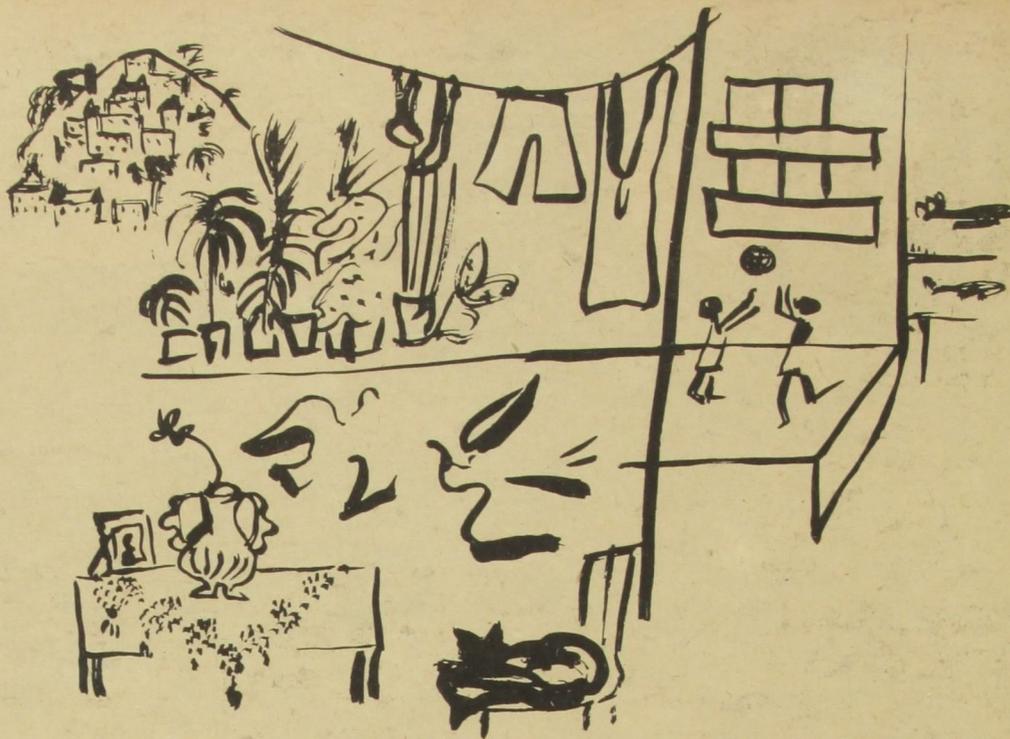
SANTA TERESA

Sábado, de tarde, na cidade, da janela de um vigésimo andar, a gente descobre essa vida inesperada e humilde dos terraços. Famílias de zeladores de prédio, quartos de empregados de hotel, mulheres passando roupa ou se penteando perto da janela, crianças que brincam entre as nuvens, tão quietas e remotas como em um quintal de subúrbio — tudo é paz.

Em alguns terraços há uma tentativa de volta a Minas, com vasos de plantinhas, môças a cantarolar retirando roupa da corda — e no lugar de galinhas cacarejando há pombos que esvoaçam de um prédio para outro. Em alguns terraços há casinhas onde seria possível escrever "Lar de Elvira", tão rendado é o pano da mesa que se entrevê pela janela, tão chorosa é a criança de carinha lambuzada e tão silencioso é o gato que salta do etagere para a mesa sem quebrar as duas horrorosas mas necessárias estatuetas em barro do Gordo e do Magro.

E sempre, de alguma janela, a gente vê um trecho do Aeroporto; parece tão lenta a descida desses aviões, tão suaves as nuvens brancas espalhadas pelo céu de um azul estranhamente delicado que dá vontade de viajar para qualquer cidade, ou invejar alguém que estará neste momento chegando ao Rio, depois de meses de ausência.

Mas do outro lado fica, entre árvores gordas e palmeiras finas, aquele remorso eterno de não morar em Santa Teresa. E' verdade que a gente vive meses sem pensar em Santa



Teresa, e Santa Teresa é um dos lugares do Rio que menos existe. Quando a gente vai a Santa Teresa, tem sempre o ar meio disfarçado de quem de repente saiu do asfalto para retomar o bondinho da infância e fica olhando cartões postais e pensando á-toa debaixo das jaqueiras.

Há pessoas, como Pascoal, que dizem que moram em Santa Teresa, mas, no fundo, ninguém acredita. E' mesmo difícil imaginar que em Santa Teresa haja, por exemplo, eleições, ou recrutamento para o serviço militar. E é talvez por isso mesmo que numa tarde de sá-

bado, quando o vento é fresco e os pombos passeiam nos terraços, entre cuecas e meias coloridas que se agitam nos pegadores, e o coração está sereno, é bom imaginar que se tem um certo remorso de não morar em Santa Teresa, e talvez mais tarde, como todo mundo que vive no Rio, a gente pensa inutilmente em morar um dia em Santa Teresa, entre galinhas, árvores, rêdes, crianças, mulher... Mas em que remoto mundo se esconde, em que estrêla ou esquina vagueia essa mulher que levaríamos pelo braço, docemente, para morar em Santa Teresa?

A POESIA É NECESSÁRIA

OS SONÂMBULOS

DE OSWALDINO MARQUES

O poema aqui transcrito é do último livro de Oswaldino Marques, "Usina do Sonho", edição de Livros de Portugal S. A. Na José Olympio ele publicou "Poemas qu'ase dissolutos" (1946) e traduções de Whitman e Mark Twain. Tem ainda outros livros de traduções, dois dramas e dois livros de ensaios, além de um romance inédito.

*Deixai andar os sonâmbulos pela cumeeiras
Eles têm seus encontros sob brancos portais;
Lá os esperam os malsinados parceiros
Que o grito irreparável acordou para a morte.*

*Os pés hesitam nos degraus do sótão,
Os dedos não apalpam o inútil corrimão;
É forte a tentação das escaladas ao mistério,
Deixai-os errar pelos caminhos do espanto.*

*Olhai! Oscilam lúcidos na linha da catástrofe!
O faro dos videntes triunfa dos abismos;
Fios invisíveis os governam do Zodíaco.
Seu curso é regulado por sutis mecanismos.*

*Não temais, não temais pelo corpo enluarado,
Os gatos não se assustam, nem os tímidos morcegos,
Não andam — flutuam, serenos e castos,
No convés do sonho esvaindo-se em extases.*

GENTE DA CIDADE



Silvio Caldas
seresteiro

"Silvio com i" — costuma ele dizer quando alguém vai escrever seu nome. **Silvio Caldas** é o nome todo e verdadeiro dessa pessoa nascida em 1900 e quebrados na rua S. Luís Gonzaga, 121, Largo da Canela, São Cristóvão, Rio. Mãe gaúcha, pai carioca, vivendo de concertar e afinar pianos. Sete irmãos.

Por temperamento e profissão, o pai era amigo de cantores, musicantes e compositores — Eduardo das Neves, o Palhaço Negro, por exemplo, cujo filho Cândido, o Índio, seria amigo de Silvio. Aos 6 anos o molequinho é vivo demais, e para prendê-lo em casa o pai manda lhe vestir camisola; mas ele amarra a camisola por dentro das pernas e vai chutar bola na rua.

Mas seu público já está consolidado. Existe no bairro a "Família Ideal", conjunto formado por vários rapazes fantasiados — um é enfermeiro, outra enfermeira, um é juiz outro é padeiro, cada um canta uma ou duas quadrinhas brejeiras e eles alegram festinhas familiares. Aos 6 anos Silvio já faz parte do conjunto; é pôsto em cima da mesa da sala ou carregado em pé no ombro de alguém (o jornalista Mário Magalhães, por exemplo) e canta sua parte: "Eu sou um bilontra gracioso — e tenho um amor que não sei o que será...". Palmas, docinhos e groselha para o menino, conhecido como o Rouxinol da Família Ideal, que mais tarde seria o Poeta da Voz, o Seresteiro do Brasil, o Caboclinho Querido, a Voz Morena que o Brasil adora, o Mais Brasileiro dos Cantores do Brasil, o Clássico da Música Popular, o Cantor que Valoriza as Palavras e mais alguns "slogans" de locutores, nenhum tão belo quanto o Rouxinol da Família Ideal.

Aos 9 anos o rouxinol enjôa da escola e da disciplina do lar, emprega-se numa garagem, tem as mãos sujas de graxa, mas quando vira rapaz já é um bom ajustador, trabalhando "na bancada, no tórno e na ferraria", enumera até hoje com certo orgulho. E' claro que enquanto mexe nos motores de explosão ele cantarola, e nas noites de lua faz suas se-restas e bebe suas cachaças. Em 1924 muda-se para São Paulo, acha emprego com facilidade na "Tobias de Barros & Cia.", na Telefônica e em várias outras oficinas mecânicas; bom profissional, muda muito de patrão, e entre um serviço e outro faz boemia. Ou aceita um lugar de "chauffeur" para correr o interior — é lavador de carros em Catanduva, começa a andar para um lado e outro, sempre com seu violão, cantando, bebendo, pescando, caçando, fazendo amigos, brigando, amando...

Contar a história de Silvio é impraticável; fixemos que em 1927 está no Rio, e o "Milonguita" (Antônio Gomes) o conhece em uma serenata, convida-o para cantar na Mayrink. E', naturalmente, de graça, e naturalmente rende algum sanduíche ou bebida; e o repertório é de valsas de Cândido das Neves: "Mimi"

(Dentro d'alma dolorida eu tenho um riso teu...) "Lágrimas" (Ai, deixa-me chorar para suavisar...) Seus amigos são o Índio, Uriel Lourival, o pianista Bé-quinho e em 1929 ele está na Rádio Sociedade recebendo o "cachet" de 20 mil réis por noite; lá cantam Chiquinho Jacobina, Estefana de Macedo, Elizinha Coelho, Francisco Alves, Gastão Formentti, lá estão Patrício Teixeira, Rogério Guimarães... Mas Silvio continua um mecânico errante, de vez em quando se emprega numa oficina, a certa altura é responsável pela manutenção de 20 caminhões que trabalham na construção da Rio-São Paulo, no Alto da Serra. Grava pela primeira vez um disco na Brunswick (música de Sinhô), depois já tem um contrato na Victor, depois (1929) aparece no palco do Recreio, na revista "Brasil do Amor", de Ari Barroso e Marques Porto, estrelada por Margarida Max. E daí para cá se faz conhecido, viaja praticamente pelo Brasil inteiro, mas a seu jeito: vai passar três dias em uma cidade e se gosta fica, pescando piáu, caçando paca, bebendo, cantando essas coisas belas de Orestes Barbosa — "Chão de Estrelas", "Arranha Céu", "Torturante Ironia", "O vestido das lágrimas", "Suburbana", "Serenata" (dorme, fecha esse olhar entardecente...) ou a "Pastorinha" de João de Barros e Noel. e suas próprias composições em parceria com Cristóvão de Alencar ("Arrependimento") com Chocolate e Carlozinhos Porto Alegre ("Na Aldeia") ou com Rogaciano Leite ("Cabelos Cór de Prata")... mil e uma outras. Ganha e gasta muito dinheiro, vai a Buenos Aires, vai a Portugal e Espanha com Jardel, trabalha no Brasil em milhares de palcos, em cassinos, em "boites", faz dupla com o falecido Luis Barbosa, com Ciro Monteiro, Carmen Miranda, Orlando Silva, Chico Alves...

Esse "garotinho cheio de truques" é, antes de mais nada, um trabalhador sério e atento ao seu trabalho; deixou há muito de ser mecânico e passa temporadas sumidas gastando seu dinheiro; mas quando volta para uma rádio ou boite ele não brinca em serviço, vem cantando cada vez melhor, estuda a letra e música, inventa efeitos — quanta gente já o imitou no brêque, no sapateado, no esticamento de uma nota final, nos mil e um truques de seu ofício, sem poder imitá-lo no que ele tem de grande, que é a personalidade.

Até sua cachaça, até seu uísque, até suas viagens muita gente já quis imitar e se perdeu: Silvio tem uma excelente saúde e cuida do corpo, gosta de comer e sabe comer, sabe inclusive fazer comida brasileira como raras pessoas no Brasil (já foi cozinheiro profissional, trabalhando para uma turma de engenheiros em Lussanvira) e aos 52 ou 53 anos é um homem forte, elegante de corpo, alegre e cordial que no momento ganha 80 contos por mês (Rádio Record e Televisão Tupi de São Paulo, discos na Columbia) que amanhã pode voltar a ganhar mais ou voltar a passar meses e meses sem trabalhar ou cantando apenas em benefício de dois leprosários do Ceará; que, devido a uma conversa numa barbearia de Uberaba meteu-se para Goiás, foi ser garimpeiro e catou muito "chibiu" durante um ano e tanto, que não quer ficar rico e quer viver bem, e na verdade tem vivido a mais bela e gostosa existência do Brasil, que sabe jogar uma tarrafa e sabe preparar uma perdiz, que sempre tem tempo para bater um bom papo e cantar uma noite inteira em uma roda amiga.

E que entre outras fortunas que não cabem mais aqui, tem uma filha de 18 anos que mora em Paquetá (como convem a uma filha do seresteiro), se chama Silvia Maria e aprende acordeão, piano, e — naturalmente! — violão.

O verdadeiro Dr. Marcelo

Em nosso número anterior (104), Rubem Braga, na sua coluna "Gente da Cidade", ocupou-se da figura do dr. Marcelo Garcia, médico pediatra. Por um equívoco, porém, bastante compreensível para quem vê uma revista "por dentro", em vez da fotografia do biografado, saiu publicada a do industrial Antônio Oliveira dos Santos (de quem se ocupa a seção "Economia para o povo" deste número). Para sanar o engano, que nós lamentamos mais do que ninguém, ai está, hoje, a fotografia verdadeira de Marcelo Garcia.



Se um "maquillage" espesso prejudica a sua cútis

...descubra a suave carícia desta base não-gordurosa

É comum o "maquillage" perder a frescura inicial e tomar uma triste aparência de "pintura", que, além do mais, prejudica a maciez da sua cútis. Mas com esta base finíssima, o Creme V Pond's, tudo é diferente!

Cria uma nova beleza e preserva-a durante horas e horas!

Antes de usar o pó de arroz, passe uma fina camada de Creme V Pond's, base perfeita para o pó. Não sendo gorduroso, desaparece em instantes, deixando apenas uma película transparente. O pó adere por igual e permanece durante horas e horas, sem rachar nem perder a cor. Sua cútis lhe parecerá mais fina, mais clara, mais juvenil!



A Máscara de 1 Minuto dissolve as células mortas da pele!

Duas ou três vezes por semana, cubra todo o rosto, exceto os olhos, com uma camada de Creme V Pond's. Deixe-a por 1 minuto, enquanto o Creme V Pond's dissolve inteiramente as células mortas, que impedem a renovação da pele! Esta Máscara de 1 Minuto é um tratamento de beleza rápido, simples e eficiente, que assegura a juventude e o frescor de sua cútis!



A Viscondessa de Boyle, declara:

"Sempre que desejo luzir minha melhor aparência, aplico em meu rosto a Máscara de 1 Minuto com Creme V Pond's".

